

ANDREW MICHAEL HURLEY

TERRA FAMINITA


intrinseca

ANDREW MICHAEL HURLEY

TERRA FAMINTA

Tradução de
André Czarnobai



Copyright © Andrew Michael Hurley 2019
Publicado originalmente em inglês pela John Murray, parte da Hachette UK.

TÍTULO ORIGINAL

Starve Acre

REVISÃO

Manoela Alves

Agatha Machado

Milena Vargas

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E DESIGN DE CAPA

Túlio Cerquize

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO E CAPA

Midrusa | @midrusa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H939t

Hurley, Andrew Michael, 1975-
Terra faminta / Andrew Michael Hurley ; [ilustração Midrusa] ; tradução André
Czarnobai. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
240 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Starve Acre
ISBN 978-65-5560-224-1

1. Romance inglês. I. Midrusa. II. Czarnobai, André. III. Título.

20-67837

CDD: 823

CDD82-31(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

27/11/2020 02/12/2020

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

— Que lugar tranquilo,
Aquele casa no mato com o gramado sombreado.
— Se você soubesse, criança, o que se passa lá
Você não chamaria esse lugar de tranquilo.
Pois um fantasma, o último de sua raça, o habita
E lá uma cabeça gira até o dia clarear.

“A Casa do Silêncio”, Thomas Hardy

“Aquele-que-não-para.

O Pé-que-é-um-leque.

O Bêbado-na-noite.

O Terra-em-fuga.

O Pedaco-das-trevas.

O Puxa-capim.

O Velho-duque-de-março.

O Bufão-de-maio.

O Espasmo-da-samambaia.

O Dente-de-leão-que-se-arma.

O Olho-esbugalhado.

Quem-marca-os-caminhos.

O Bate-pé.

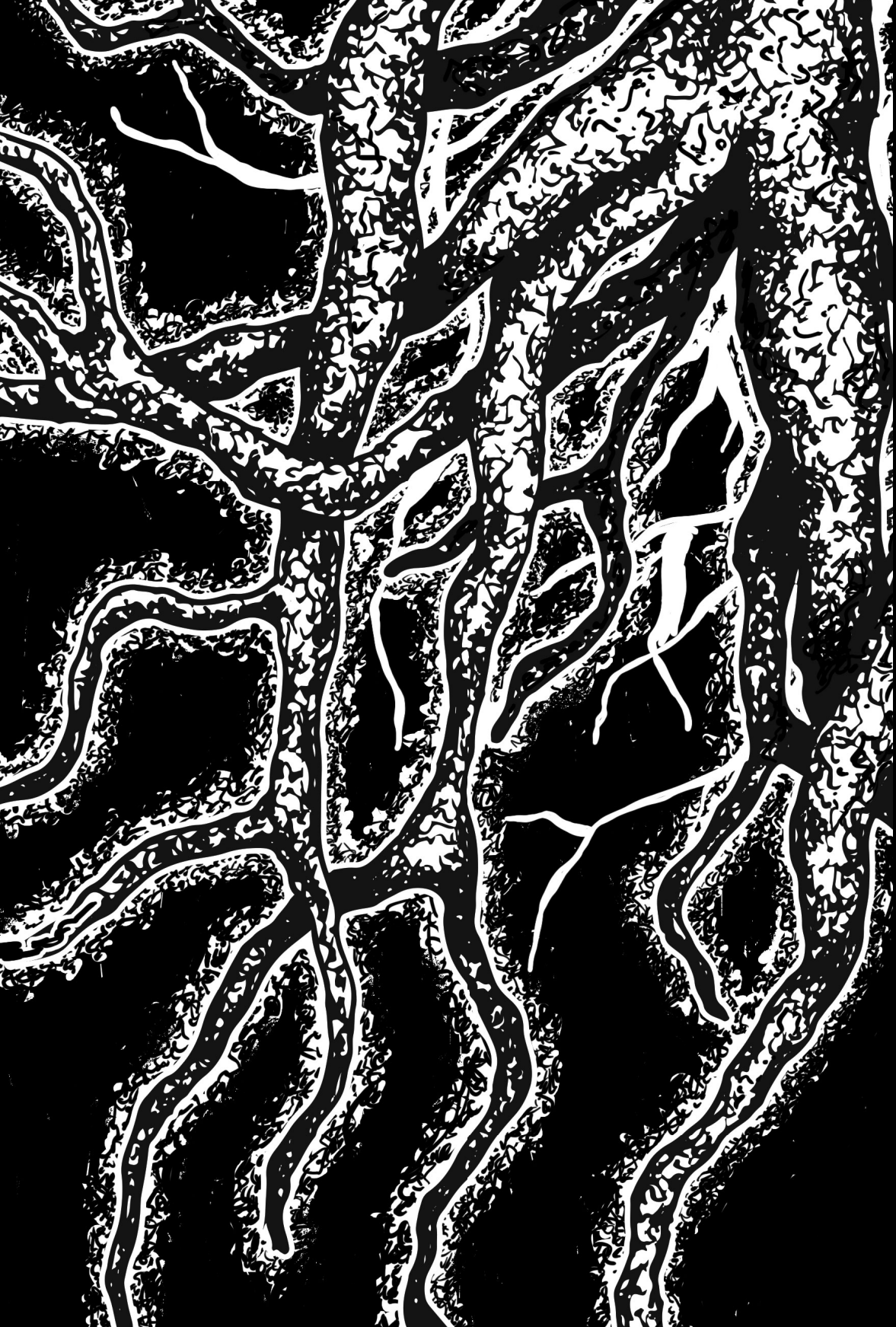
O Fantoche-de-bruxa.

O Oculito-sorratoiro.

É parte do seu jogo

Mudar de nome.”

“A Lebre”, canção popular



PARTE 1



Durante a noite, a neve voltou a cair com força sobre o Vale de Croften, e agora pela manhã as colinas do outro lado da vargem assumiam um tom puro de branco, em contraste com o céu. Mais além, aonde o sol ainda não chegara, o bosque perto do riacho seguia mergulhado em sombras e permaneceria frio por todo o dia. A névoa congelante entremeada às faias e bétulas sem folhas já obrigara uma raposa faminta a procurar por comida em outro lugar. Uma trilha de pegadas profundas saía da escuridão em direção à luz perolada que tomava este lado do vale. Mas o animal parecia ter mudado de direção de forma abrupta; se enfiado num buraco ou numa vala, assustado com as pessoas atirando ali por perto — homens de Micklebrow, provavelmente, que foram até o urzal se aproveitar do enorme espaço vazio no qual as perdizes e os faisões desfilavam em evidência, como pinceladas de tinta em uma tela em branco. O som das espingardas e assobios ecoava no ar, que permanecia estranhamente estático, em suspense, após a tormenta. A tempestade havia durado horas, e a extensão de sua fúria era notória, tendo em conta a camada de gelo que cobria as paredes de pedra seca. Elas formavam cristas irregulares e pontiagudas, como numa onda se quebrando contra barreiras inadequadas.

E assim seguiu o inverno. Acumulando-se sobre si mesmo dia após dia. Fazendo as casas no vale parecerem ainda mais remotas do que o normal.

Nenhum dos fazendeiros havia saído, ainda, com seu limpador de neve, e na estrada perto de Starve Acre a neve fora removida durante a noite, antes de congelar. Estava toda empilhada ao longo das margens da estrada, como se fossem destroços.

De seu escritório, Richard Willoughby ouviu outra salva de tiros e viu as gralhas debandando dos freixos do lado de fora da janela. Elas se agruparam numa bola de asas e resmungos e saíram batendo suas asas em direção ao campo do outro lado da estrada. Já fazia alguns dias que, desesperadas, elas haviam começado a procurar alimento em montículos de terra congelados, encontrando pouca coisa ou nada para garantir o seu sustento.

Richard tinha a sensação de que fevereiro estava simplesmente se recusando a deixar o vale. Queria muito que ele acabasse, e logo. Tinha alguma coisa que o agradava no fato de poder dizer que era março. Alguma coisa no nome que sugeria um propósito vigoroso, um movimento para a frente, de todas as coisas. Hora de trabalhar. Hora de carregar baldes nos ombros. Havia versos em poesias sobre o começo da primavera que ele achava que deveria decorar, em uma espécie de garantia de que o mundo voltaria a ser verde novamente. Num dia como este, era fácil duvidar. Tudo estava faminto e esquelético. Tudo estava à espera, assim como ele também.

As gralhas rodopiavam no céu, seus berros estalando no ar gelado e, enquanto as observava, Richard sentiu uma sensação de inchaço na cabeça — algo similar ao começo de uma enxaqueca.

Ele culpou a si mesmo por ter se distraído. Quando estava no escritório, normalmente prestava muita atenção ao trabalho (sem qualquer retrato de família, aquela era sua masmorra), mas Ewan era capaz de encontrá-lo das maneiras mais inusitadas.

As gralhas o fizeram se lembrar dos pássaros de papel que ele havia feito certa madrugada quando o menino estava assustado e inquieto. E de como, depois de moldar os pássaros a partir das dobraduras, ele inventou histórias com eles e Ewan acabou dormindo, seus olhos enormes fechando num sono muito necessário.

Richard abandonou a frase sobre a qual vinha ponderando, digitada pela metade, mudou-se para a poltrona ao lado das estantes e ligou o rádio. Um dos *Concertos de Brandemburgo* estava tocando. Ele colocou os fones de ouvido e aumentou o volume até que as cordas e os sopros se distorcessem, tentando desaparecer em meio ao ruído e mandar Ewan de volta para o buraco sombrio de onde havia emergido. Se ele tinha de estar ausente, por que não podia simplesmente permanecer assim? Um vazio é uma coisa com a qual se pode lidar, da mesma forma como um homem pode se acostumar a ficar sem uma das mãos ou um dos pés e improvisar uma maneira de viver até que aquilo se torne um hábito, e então uma espécie de normalidade.

Após o funeral no fim do verão anterior, a tática de Richard, a mesma que seguia agora, tinha sido a de trabalhar o máximo que pudesse. Assim, quando o novo ano acadêmico se iniciou, seu comportamento era tal qual o de uma abelha — voava sem parar de uma coisa para outra, porém oferecendo sua devoção máxima a cada nova tarefa.

Talvez tivesse sido ingenuidade esperar que as pessoas não o tratassem diferente, porém a insistência delas em fazer isso se tornou algo muito frustrante, e seus colegas no Departamento de História aprenderam depressa que, se o abordassem com um olhar de pena, ele os evitaria.

Ele nunca havia sido alvo de pena antes. Achou aquela atenção toda insuportável. Não posso parar agora, dizia, ou, estou atrasado. E se a pessoa insistia mesmo assim, e saía andando com ele pelo campus, Richard fazia questão de transformar aquela conversa em algum assunto relacionado ao trabalho. Trabalho era tudo de que falava. Trabalho era tudo o que fazia. Antes das aulas, ele se escondia nas profundezas da biblioteca, e voltava para lá depois que havia terminado. Comparecia a todas as reuniões, até mesmo aquelas que não lhe diziam respeito diretamente. Ele chegava mais cedo para se preparar; ficava até mais tarde para atender seus alunos do mestrado.

Aquilo era insustentável, e ele sabia que não demoraria muito tempo até que alguém percebesse. E então conversas tensas ocorreriam, e as engrenagens rodariam e um rosto sorridente o convidaria a entrar numa sala e o incentivaria a tirar o ano sabático que ele deveria ter tirado anos antes.

— É uma oportunidade de se concentrar na sua pesquisa, Richard. Leve o tempo que precisar. Volte quando estiver renovado.

Ele sabia, é claro, que estavam pensando em si mesmos, e não nele. Livrem-se dele agora e evitem todas as dificuldades e constrangimentos que se manifestarão quando esse maremoto de angústia finalmente atingir o Dr. Willoughby e ele se afogar no meio de uma aula sobre Persépolis ou Lascaux.

A responsabilidade de convencê-lo a tirar uma folga havia sido confiada a Stella Wicklow, que tinha obtido seu doutorado no mesmo ano que ele, porém era muito mais ambiciosa e havia ascendido à posição de chefe do departamento.

— Olha — disse ela. — Pense que eles estão fazendo um favor a Juliette, e não uma injustiça com você. Certamente ela gostaria que você ficasse mais em casa neste momento, não é?

No começo, isso era verdade, mas não agora.

Quando Richard tirou os fones, pôde ouvir Juliette chorando baixinho no quarto acima. Ele estava decidido a deixá-la fazer isso depois do que ela dissera.

Na área de serviço, ele pegou suas galochas e, no armário debaixo da escada, a lamparina de butano e os fósforos, sacudindo a caixa para se assegurar de que ainda havia alguns ali. Depois, usando o cachecol da universidade e o casaco de *tweed* que Juliette havia comprado para ele num Natal, fechou a porta da frente e desceu pela rampa da garagem, deixando pegadas de trinta centímetros de profundidade.

Os atiradores já tinham voltado para suas casas carregando seus sacos de caça ilegal, e os pássaros ainda vivos já haviam retornado aos céus: um maçarico se lamuriando baixinho, três abutres sobrevoando as encostas em silêncio. Durante o inverno, o vale costumava ficar profundamente quieto, especialmente ali, próximo ao urzal. A trilha que passava pela casa — a estrada de cima, como era conhecida — não tinha nenhuma outra função além de ligar um lugar remoto a outro: Micklebrow com Stythwaite, que ficava a três quilômetros da casa, descendo o vale, seus telhados e chaminés amontoados ao redor da torre da igreja.

Do outro lado da estrada ficava o campo — seu campo, ainda era estranho dizer aquilo — que descia pela encosta até o bosque e o riacho. Aquele minúsculo pedaço de terra era uma das coisas que tinha atraído Juliette para Starve Acre em primeiro lugar. Na sua opinião, não havia melhor presente que pudessem dar aos filhos do que um playground natural, que cresceria junto com eles.

Do outro lado do vale, depois do campo de feno dos Westbury, as fileiras de casas de pedra calcária em Outrake Fell pareciam ainda mais severas que o normal, com franjas formadas por pequenos pingentes de gelo, e as ovelhas de Burnsall, que normalmente eram deixadas por sua conta nos campos de pastagem mais elevados durante o inverno, circulavam pela fazenda. O som de suas balidas subia junto com a fumaça da chaminé da casinha. Era o tipo de cena que Juliette imaginava antes de eles se mudarem para cá. Uma simplicidade nos movimentos e nos sons.



Richard abriu o portão do terreno e foi andando pela neve em direção à barraca que havia armado antes do Natal. Era bem resistente, um modelo do exército, e tinha permanecido em pé durante as piores condições climáticas.

Outubro tinha sido um mês repleto de um sol gelado e brilhante, mas novembro trouxe consigo os vendavais e uma chuva interminável. Qualquer vala que Richard abria era logo preenchida por uma água verde oleosa, e então, numa tarde particularmente encharcada, ele dirigiu até a casa de Gordon Lambwell para ver se ele tinha alguma coisa útil à venda.

Gordon, que havia sido amigo de seus pais, morava bem na saída de Stythwaite, na estrada para Settle — uma distância que agradava tanto a ele quanto aos moradores. Seu bangalô tinha a aparência de um chalé suíço e, atrás dele, vários hectares repletos de arbustos e galpões onde ele guardava suas mercadorias. Embora a lateral de sua van declarasse que ele comercializava antiguidades, a palavra era usada no sentido mais amplo possível para significar qualquer coisa que fosse velha, e seus barracões estavam abarrotados de lixo.

Em meio às vigas de um galpão com telhado de metal, ele encontrou uma barraca de lona enrolada junto com suas varetas e a puxou para baixo, provocando uma chuva de poeira. Richard tentou pagar, é claro, mas Gordon relutou em aceitar seu dinheiro por temer que aquilo desse a impressão de que ele estava incentivando o projeto e

encorajando Richard a seguir em frente. Estava convencido de que a piora do pai de Richard se devia ao fato de seu filho estar cavando a terra em Starve Acre.

— Tem certeza de que você deveria estar mesmo cavando por lá? — disse ele.

— Acho que não tenho muita escolha — respondeu Richard. — É a única maneira de saber se as raízes ainda existem.

— Eu deixaria isso para lá, se você quer saber.

— Se eu me deixasse guiar por essa máxima, Gordon, eu não teria um emprego.

— Mesmo assim, eu preferiria que você ficasse longe daquele campo.

— Ele é assombrado? — disse Richard.

Gordon abriu um sorriso sarcástico, mudou de assunto e o convidou a entrar em casa para tomar um drinque.

— E como está Juliette? — perguntou. — Diga que ela precisa vir aqui me ver.

Ela foi.

E esse foi o começo de sua obsessão com a Sra. Forde e os Faróis.

De acordo com Gordon, a barraca havia sido usada na guerra, muito embora qual guerra e com qual propósito não estivesse claro. Havia manchas nas portas que se pareciam muito com sangue. De qualquer forma, o material era de uma solidez e qualidade de outra época, grosso como a vela de um barco, e quando a chuva urrava pelo campo, Richard seguia sempre quente e seco.

Após a nevasca da noite anterior, a barraca estava enterrada até a metade no gelo, assim como muitas das casas das fazendas no vale. Só o topo estava aparecendo, e Richard precisou tirar a neve com os pés para chegar à entrada. As pegadas de animal que ele tinha visto da janela do escritório faziam um desvio para cá e, do lado de dentro, o ar estava carregado com o fedor adocicado das fezes de uma raposa. A fêmea que vivia no bosque tinha voltado, atraída pelo cheiro da caneca de chá que ele tinha se esquecido de levar de volta para casa ou pela lembrança de sua gentileza.

Uma tarde, algumas semanas antes, ele a vira saindo do bosque, a pelagem escarlate cintilando em meio à neve.

Quando avistou Richard, ela parou e ficou olhando para ele de boca aberta, soltando nuvens brancas de vapor. Era óbvio que estava desesperada por comida, como todos os outros animais, e ele entrou na barraca para pegar os biscoitos que havia trazido. O barulho dele mexendo no pacote fez a raposa se afastar, mas ela logo retornou, sua timidez vencida pela fome. Com o corpo inteiro tremendo, ela lambeu as migalhas de alimento nas mãos dele, e permitiu que ele encostasse a parte de trás do dedo em seu focinho.

A raposa tinha sido a única coisa interessante naquele dia, e todos os dias depois daquele. A pá e a espátula haviam revelado exatamente coisa nenhuma.

Mesmo assim, ele sabia desde o começo que aquela empreitada seria uma espécie de loteria. Séculos atrás, aquele campo havia pertencido a uma área comum muito maior, então era difícil saber

exatamente onde o Carvalho de Stythwaite ficava. Sendo assim, o plano original de Richard era começar no centro do terreno e ir avançando para o lado aos poucos, como se estivesse andando sobre a face de um relógio.

Se essa árvore fosse mesmo tão antiga e vasta como sugeriam as histórias, então suas raízes deveriam ser como as de Yggdrasil. Mas ele havia se preparado para o fato de que talvez houvesse pouca coisa ou nada para ser encontrado. A maior parte da água da chuva corria pela encosta e terminava no riacho, de modo que o terreno não era úmido o suficiente para preservar a madeira. Mesmo assim, havia uma chance de que talvez houvesse fragmentos aqui e ali.

Ele foi escavando a neve até encontrar as estacas no fim das cordas. Após desamarrá-las, soltou o sobreteto das varetas e o colocou sobre a neve. A cova retangular de solo marrom se destacava em meio a tanto branco, e chamou a atenção das gralhas que agora desciam, procurando por larvas e minhocas. Enquanto Richard ia desmontando a estrutura, mais gralhas foram se juntando no muro, expressando sua impaciência, exigindo asperamente que ele fosse trabalhar em outro lugar. Mas elas podiam passar o dia inteiro cavando ali e não encontrariam nada para comer. Aquele lugar era estéril.

Richard pegou as varetas, levou-as uns dez metros mais para dentro do círculo imaginário que criara, e começou a montar a estrutura no próximo lugar em que pretendia cavar. Tirando a neve com uma pá até chegar na terra, ele montou o resto da barraca,

esticando as cordas, certificando-se de que tudo ficaria protegido das condições climáticas.

No fim do processo, ele estava suando por baixo do casaco e, mesmo assim, os dedos de seus pés e de suas mãos estavam dormentes. O abrigo produzia apenas uma ilusão de calor, mas, apesar disso, ele estava feliz de entrar na barraca. Acendeu a lamparina com um leve clique e deixou-a queimar por alguns minutos, esfregando as palmas das mãos, arrependido de não ter levado uma garrafa térmica com chá.

Quando conseguiu sentir novamente os dedos, ele pegou seu caderno e anotou a data no alto de uma página em branco. Então, colocando pedras para manter as páginas abertas em cima do quadrado de lona que usava para evitar que seus joelhos se molhassem, desenrolou seu porta-ferramentas. Usando estacas e cordas e uma espátula, ele delineou o retângulo de um metro e oitenta por um metro e vinte em que cavaria, com margens largas o bastante para que pudesse se mover ao redor sem precisar encostar na lona.

Isolado pela neve, o solo não estava congelado, mas sim pegajoso, e escorregava pela ponta da espátula como manteiga endurecida. O progresso foi, como sempre, lento e metódico. Richard despejou cada porção de terra numa peneira e jogou para cima para ver se havia alguma coisa ali, qualquer indicação de que talvez estivesse chegando perto. Mas não havia nada.

Não que isso fizesse diferença. A experiência o havia ensinado a ser paciente. De todo modo, ele não estava com pressa de terminar.

QUANDO O FILHO DE CINCO ANOS DE JULIETTE E RICHARD MORRE DE REPENTE APÓS COMETER UMA SÉRIE DE ATOS INEXPLICÁVEIS DE VIOLÊNCIA — INSTIGADO, SEGUNDO ELE, POR UMA VOZ MISTERIOSA —, O MUNDO DOS DOIS DESMORONA.

Seis meses depois, Juliette se recusa a sair de casa e passa os dias fazendo gravações no quarto do filho, esperando conseguir provas de que ele continua lá. Enquanto isso, Richard tenta ao máximo não pensar no menino e volta a atenção para o terreno do outro lado da rua, o qual escava pacientemente, em busca de fragmentos de um carvalho lendário.

Assombrados por um presente doloroso e uma expectativa interrompida de futuro, os dois são confrontados pela estranheza e pela solidão de um lugar agora tomado pelo sofrimento. De um lado, o luto deixa cada vez mais clara a distância que os separa; de outro, eles buscam desesperadamente uma ponta de esperança — apenas para desenterrar um profundo terror.

Com a incrível habilidade de criar um mundo definido pelo bizarro, em *Terra faminta* Andrew Michael Hurley entrelaça com perfeição a selvageria da natureza e descrições capazes de evocar horror. Nesta narrativa inquietante, o sobrenatural e a vida cotidiana se confundem, criando um retrato assustador do que acontece no limiar entre a dor e a sanidade. A obra chega ao Brasil em edição de luxo, com ilustrações exclusivas do artista alagoano Midrusa e capa dura.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1055/>